

DESENVOLVIMENTO DE VALORES EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES¹

ANDRESSA CARVALHO PRESTES*

FERNANDA MARIA PALHARES DE CASTRO**

JONATHAN RICHARD HENRY TUDGE***

LIA BEATRIZ DE LUCCA FREITAS****

RESUMO

Apresentam-se resultados de um estudo cujos objetivos foram identificar o que crianças e adolescentes mais valorizam e se esses valores mudam em função da idade. Especificamente testaram-se as hipóteses de que, com a idade, haveria: (a) uma diminuição na frequência de valores hedonistas e (b) um aumento na frequência de valores relacionados ao bem-estar de outras pessoas. Os participantes foram 396 jovens de 7 a 14 anos, 58,6% do sexo feminino, estudantes de três escolas públicas (61,1% da amostra) e de duas escolas privadas de Porto Alegre/RS. Esses jovens responderam à pergunta: "O que tu mais queres?". Submeteram suas respostas a uma análise de conteúdo, classificando-as em três tipos de valores: hedonistas, relativos ao próprio bem-estar e relacionados ao bem-estar de outros. Para testar as hipóteses, utilizou-se da análise de regressão. Os resultados indicaram um declínio linear dos valores hedonistas com a idade. Todavia, não se verificou um aumento significativo na frequência de valores relacionados ao bem-estar de outros. Constatou-se ainda um aumento significativo, com a idade, da proporção de valores relacionados ao próprio bem-estar. Esses resultados são discutidos considerando-se o processo de assimilação e hierarquização de valores na infância e na adolescência, bem como algumas características da cultura ocidental contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Valores humanos. Desenvolvimento. Criança. Adolescente.

ABSTRACT

We present results from a study whose goals were to identify what children and adolescents most value and whether these values change as a function of age. Specifically, we tested the hypotheses that, with age, there would be (a) a lower frequency of hedonistic values and (b) an increase in the frequency of values related to others' well-being. The participants were

* Estudante do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.

** Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Bolsista de Mestrado do CNPq.

*** Doutor em Desenvolvimento Humano pela Cornell University. Professor Titular do Human Development and Family Studies, University of North Carolina at Greensboro - UNCG. Professor Visitante CAPES - Processo BEX 18344/12-7.

**** Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo - USP. Professora Associada do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Pesquisadora do CNPq.

396 youth aged from 7 to 14, 58.6% female, students from three public schools (61.1% of the sample) and two private schools in Porto Alegre. The youths responded to the question: “What do you most want?” Their responses were content analyzed, and classified into three types of values: hedonistic, related to their own well-being, and related to the well-being of others. To test our hypotheses we used regression analyses. The results indicated a linear decline in hedonistic values with age. However, we did not find a significant increase in values related to others’ well-being. There was, however, a significant increase in the proportion of values related to their own well-being. These results are discussed in light of the process of assimilation and ordering of values in childhood and adolescence and of some characteristics of contemporary Western culture.

KEYWORDS

Human values. Development. Child. Adolescent.

INTRODUÇÃO

Os valores, assim como as regras e as significações, são importantes manifestações da atividade humana (PIAGET, 1972) que variam de cultura para cultura, modificando-se com o tempo. Em nossa sociedade, têm-se enfatizado o ganho imediato (hedonismo), o apreço por bens materiais (materialismo) e o bem-estar individual (individualismo). Esses valores, porém, podem repercutir negativamente na qualidade de vida dos jovens. Por exemplo, crianças e adolescentes que expressam mais desejos materialistas têm menor autoestima (CHAPLIN E JOHN, 2007), além de serem mais ansiosos e menos felizes que aqueles que dão maior valor a bens não materiais (KASSER, 2002 e 2005).

Assim, torna-se importante investigar aquilo que, atualmente, crianças e adolescentes mais valorizam. Considera-se que não é possível educar crianças e adolescentes imunes aos valores preponderantes em nossa cultura. Todavia, pode-se pensar em contrabalançar aquelas tendências que podem lhes trazer prejuízos e delinear programas de educação em valores afinados com os jovens de nosso tempo.

Embora não se encontre em Piaget (1954 e 1977b) senão um esboço de uma teoria dos valores (FREITAS, 2003), seu legado é relevante quando se busca investigar o desenvolvimento de valores em crianças e adolescentes. Suas ideias podem contribuir para que se compreenda como os jovens assimilam os valores de sua cultura e aprendem a hierarquizá-los, construindo escalas de valores.

1. DESENVOLVIMENTO DE VALORES

1.1. Assimilação e Hierarquização de Valores

O valor está presente desde as primeiras trocas entre a criança e seu meio. Entende-se por valor “a expressão da desejabilidade em todos os ní-

veis” (PIAGET, 1977a, p. 16). Toda conduta humana visa a um determinado fim, que tem valor porque desejado. Assim, investigar o que uma pessoa deseja é uma maneira de se ter acesso àquilo que ela valoriza.

Na conduta humana, dois sistemas regulam a afetividade. O primeiro, o sistema de regulação energética, é regido pela relação entre o custo, ou seja, a quantidade de energia a ser despendida e o benefício, isto é, a satisfação obtida com a ação. O segundo, o sistema de valores, diz respeito aos fins da ação, ou seja, em que (conteúdo) uma pessoa emprega sua energia. Nesse sentido, o valor consiste em um investimento afetivo que move a ação em uma determinada direção (CAMINO, PAZ E LUNA, 2009; FREITAS, 2003; TAILLE, 2009; PIAGET, 1954).

Assim sendo, o comportamento humano não é regido apenas pela relação custo-benefício, mas também por sistemas de valores. Em consequência disso, uma ação custosa que seja mais valorizada pode ser preferida a uma ação menos custosa que seja menos valorizada. Em outras palavras, “os valores têm a propriedade de regular as condutas, do ponto de vista afetivo, permitindo ao sujeito fazer escolhas” (SOUZA, 2012, p. 146).

Mesmo estando presentes desde o início da vida, os sistemas de valores de cada pessoa constroem-se paulatinamente. No período sensório-motor, os valores são ainda lábeis. Ainda assim, por volta dos oito meses, quando a criança começa a coordenar meios e fins, os valores começam a se subordinar uns (meios) aos outros (fins), tendo início a formação de sistemas.

Quando, por volta dos 2 anos de idade, a criança adquire a função simbólica (DELVAL, 2013; PIAGET, 1976), os valores passam a adquirir permanência além da presença do objeto que os suscitou. Dessa forma, surgem os valores virtuais (PIAGET, 1954). O valor (positivo ou negativo) de um objeto torna-se durável; a satisfação ou insatisfação de um objeto ou pessoa não se restringe mais apenas ao momento em que foi suscitada. Pouco a pouco, ao lado dos valores materiais, os valores virtuais passam a integrar os sistemas de valores da criança e do adolescente.

O surgimento dos valores virtuais é muito importante. Em primeiro lugar, porque os valores podem adquirir durabilidade no tempo e, assim, a criança torna-se capaz tanto de lembrar quanto de postergar uma satisfação. Dito de outro modo: os valores não se reduzem mais ao ganho imediato. Em segundo lugar, os valores virtuais atribuídos às pessoas (aprovação ou desaprovação, prestígio etc.) constituem a base de sentimentos interindividuais espontâneos (por exemplo, a simpatia e a antipatia), sentimentos de autoavaliação (superioridade ou inferioridade) e sentimentos morais, tais como o respeito e o dever.

As primeiras formas de respeito e de dever que aparecem no comportamento humano (respeito unilateral e obediência) têm um papel relevante na construção dos sistemas de valores. São os adultos significativos para a criança (por exemplo, seus pais e professores) que impõem a ela determinados valores a serem respeitados. A assimilação pela criança dos valores de seu grupo cultural é mediada por esses adultos significativos. É graças também à interação com esses adultos que a criança aprende que há valores “norma-

tivos” (PIAGET, 1977b), os quais regulam a vida em sociedade, tais como os valores morais e as determinações jurídicas.

Todavia, não apenas a relação com os adultos é importante para a construção dos sistemas de valores; a relação da criança com seus pares também influencia essa construção. Graças às relações de cooperação, as primeiras formas de respeito e de dever são superadas, dando origem ao respeito mútuo (os indivíduos atribuem-se valores equivalentes) e à obrigação moral. Assim, a criança torna-se capaz de respeitar normas e valores não mais por medo de perder o amor dos pais ou temor de ser punido, mas por convicção de que faz o bem.

Ao mesmo tempo em que o jovem torna-se capaz de cooperar e de realizar operações, isto é, ações em nível de pensamento, reversíveis e coordenadas com outras (FREITAS, 2003), constrói-se um instrumento de autorregulação essencial para o ser humano: a vontade. Não raras vezes, nós nos sentimos divididos, pois nossos valores entram em conflito. Para Piaget (1954), há vontade quando, após oscilar entre um prazer tentador e um dever, a pessoa opta pelo dever, o qual ela mesma reconhece como legítimo.

Assim como a capacidade de operar liberta a criança das ilusões perceptivas, a vontade não a deixa à mercê da busca da satisfação apenas de desejos imediatos. A vontade é uma importante ferramenta de autorregulação para o jovem, visto que possibilita que ele estabeleça quais são os fins prioritários para sua ação. Em outras palavras, a vontade torna possível ao jovem hierarquizar valores (por exemplo, o que é mais importante: a riqueza ou a honestidade?), construindo uma escala de valores.

A escala de valores de um indivíduo é “sua razão de ser” (PIAGET, 1954, p. 132). Aquilo que uma pessoa mais valoriza ocupa o topo de sua escala; é esse valor que dá sentido (direção e significado) a sua vida. Os demais valores de sua escala são meios para atingir a esse fim. Por exemplo, se aquilo que uma pessoa mais deseja é “ter muito dinheiro”, a riqueza (entendida como acúmulo de bens materiais e/ou valores monetários) é que dá sentido a sua vida.

Com o início da adolescência, ao mesmo tempo em que começa a raciocinar sobre hipóteses, o jovem torna-se capaz de refletir sobre valores. Nas sociedades ocidentais, os sistemas de valores vigentes, aprendidos com os pais e professores, não mais aparecem como os únicos corretos e possíveis. Pelo contrário, o adolescente questiona os valores aprendidos e quer, muitas vezes, transformar a realidade. Com a capacidade de autonomia em desenvolvimento, o adolescente é capaz de construir uma escala pessoal de valores.

É a partir da adolescência também que, às relações interpessoais, somam-se os vínculos com grupos mais amplos (por exemplo, grupos políticos, doutrinas religiosas etc.). Assim, o adolescente entra em contato com valores ideais, tais como a justiça, a solidariedade, a paz e a liberdade, tornando ainda mais complexos seus sistemas de valores.

1.2. Valores na Infância e na Adolescência

No Brasil, diversos pesquisadores têm-se dedicado ao estudo dos valores de crianças e adolescentes fundamentados nas ideias de Piaget (1954 e 1977b), enfocando diferentes temas, tais como, por exemplo: valores de adolescentes (TAILLE E TAILLE, 2006) e suas relações com práticas parentais (MORAES, CAMINO, COSTA, CAMINO E CRUZ, 2007) ou com o currículo escolar (TARDELLI, FITTIPALDI, PORTAL E REIS, 2012); mensuração de valores (MENIN, TAVARES E MORO, 2013; TAVARES, 2012); desenvolvimento de valores (ANDRADE, CAMINO E DIAS, 2008; SOUZA, FOLQUITTO, OLIVEIRA E NATALO, 2008). Neste artigo, destacam-se os resultados de duas pesquisas recentes que adotaram uma abordagem evolutiva no estudo de valores de crianças e adolescentes.

Souza, Folquitto, Oliveira e Natalo (2008) realizaram uma pesquisa cujo objetivo foi examinar possíveis relações entre as valorizações afetivas de personagens de dois contos dos Irmãos Grimm e as estruturas cognitivas subjacentes às reconstituições desses contos. Mais especificamente, testaram as seguintes hipóteses: (a) a qualidade das escolhas e das valorizações afetivas melhoraria com a idade e (b) as estruturas cognitivas ficariam mais abstratas com a idade. Participaram dessa pesquisa 76 crianças com idades entre 5 e 10 anos, provenientes de instituições educacionais (creche ou escola) da rede privada, das cidades de São Paulo e de São José dos Campos, no Estado de São Paulo. Para a coleta de dados, utilizou-se uma entrevista clínica piagetiana, adaptada aos dois contos de fadas. Cada criança escutou apenas uma história: 36 participantes escutaram o conto “O Lobo e os Sete Cabritinhos” e 40 o conto “Senhor Lobo e a Senhora Gata”. Em geral, os resultados desse estudo indicaram que as crianças menores valorizam atributos físicos ou coisas materiais que os personagens possuem, enquanto as maiores valorizam qualidades abstratas (por exemplo, a coragem, a esperteza etc.). Os achados também confirmaram a hipótese de que haveria uma relação entre o avanço das capacidades cognitivas e a possibilidade de expressar valorizações despreendendo-se do plano concreto e do ponto de vista egocêntrico.

Outro estudo enfocou o desenvolvimento de quatro valores: obediência, cooperação, responsabilidade e criatividade (ANDRADE, CAMINO E DIAS, 2008). Participaram dessa pesquisa 116 jovens, 53% do sexo feminino, estudantes de três escolas particulares da cidade de João Pessoa, na Paraíba. Os jovens foram divididos em três grupos etários: (a) 5 a 8 anos; (b) 9 a 11 anos e (c) 12 a 14 anos. Solicitou-se às crianças e aos adolescentes que dissessem o que entendiam por cada um dos valores enfocados no estudo; eles também poderiam dar exemplos. As respostas dos participantes foram submetidas a uma análise de conteúdo e classificadas em três categorias principais, considerando seu nível crescente de descentração: (a) Intrapessoal (definições em que predominam uso de termos que expressam o julgamento do sentido do valor por meio do uso da percepção imediata ou associada a situações vivenciadas recentemente); (b) Interpessoal (definições em que aparecem sentimentos autônomos e reconhecimento do ponto de vista do outro como diferente do ponto de vista próprio); e (c) Impessoal (inclui sentimentos idealistas, mutualidade nas relações sociais e uma visão sistêmica).

As respostas das crianças que não sabiam falar sobre o valor proposto foram classificadas como Indefinido. Encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos etários no que diz respeito à forma como os jovens definiram os valores, exceto para cooperação. De modo geral, as definições do tipo Intrapessoal predominaram nas crianças com idade entre 5 e 8 anos. Aquelas do segundo grupo (9 a 11 anos de idade) alternaram suas respostas entre as categorias Intrapessoal, Interpessoal e Impessoal, predominando o tipo Interpessoal. Os adolescentes praticamente não se valeram de definições classificadas como Intrapessoal. As autoras, assim, concluíram que o desenvolvimento dos valores acompanha o processo de descentração, isto é, a capacidade adquirida pela criança de levar em conta o ponto de vista de outras pessoas.

Esses achados, ainda que incipientes, são importantes, pois dão suporte à ideia de que há mudanças nos valores durante a infância e adolescência. Os resultados encontrados sugerem que os valores paulatinamente se tornam menos materiais (SOUZA *et al.*, 2008) e mais descentrados (ANDRADE *et al.*, 2008).

Nessa mesma linha de investigação, realizou-se um estudo transversal (DELVAL, 2002) sobre valores de jovens de 7 a 14 anos. Os principais objetivos dessa pesquisa foram: (a) identificar o que crianças e adolescentes mais valorizam e (b) se esses valores sofrem mudanças em função da idade. Mais especificamente, buscou-se testar as seguintes hipóteses:

1. Com a idade, haveria uma diminuição na frequência de valores hedonistas, uma vez que, pouco a pouco, valores virtuais passariam também a integrar os sistemas de valores dos jovens.
2. Com a idade, haveria um aumento na frequência de valores que incluem o bem-estar de outras pessoas (e não apenas do próprio indivíduo), na medida em que o desenvolvimento dos valores acompanharia o processo de descentração.

2. MÉTODO

2.1. Participantes

A amostra foi composta por 396 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, sendo 58,6% do sexo feminino. Os participantes foram selecionados em três escolas da rede pública (61,1%) e em duas escolas da rede privada da cidade de Porto Alegre/RS. As instituições de ensino foram escolhidas por conveniência, ou seja, de forma não aleatória. Inicialmente, coletaram-se dados de 405 jovens, mas nove participantes foram excluídos da amostra: (a) quatro, porque tinham 15 anos ou mais na ocasião da coleta de dados e (b) cinco, porque os dados (idade) estavam incompletos. A Tabela 1 apresenta o número de participantes que compôs a amostra em cada idade.

Tabela 1 – Frequência e Porcentagem de Participantes por Idade

Idades	7	8	9	10	11	12	13	14
Frequência	33	40	56	50	69	56	42	50
Porcentagem	8,3	10,1	14,1	12,6	17,4	14,1	10,6	12,6

2.2. Instrumento e Procedimentos Gerais

Os participantes responderam à versão em português do *Wishes and Gratitude Survey* (WAGS), um questionário composto pelas seguintes questões: (a) O que tu mais queres?; (b) O que tu farias para a pessoa que te desse o que tu mais queres?; (c) Quem é essa pessoa?; e (d) Há mais alguma coisa que tu deverias fazer para a pessoa que te desse o que tu mais queres? Por quê? Em função dos objetivos desse estudo, analisaram-se as respostas dos participantes à primeira pergunta. Os pais ou representantes legais dos participantes responderam a uma ficha de dados sociodemográficos, a fim de possibilitar uma caracterização da amostra.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (protocolo n. 22.485). Realizou-se, a seguir, um contato com a direção das escolas com o objetivo de apresentar a pesquisa. A direção de cada instituição escolar assinou um documento autorizando a realização da pesquisa, e os pais e/ou responsáveis legais de todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados foi realizada em pequenos grupos, nas escolas, em uma sala indicada por cada instituição. A equipe de pesquisa era composta por quatro pessoas, as quais ficavam à disposição dos participantes para qualquer esclarecimento que julgassem necessário. No momento da entrega do questionário respondido, a equipe realizava uma rápida conferência, a fim de garantir a compreensão integral daquilo que havia sido escrito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, submeteram-se as respostas dos participantes a uma análise de conteúdo (LAVILLE E DIONE, 1999), seguindo-se o modelo misto de definição das categorias. Partiu-se da categorização proposta por Tudge (2012), classificando-se as respostas dos participantes segundo três tipos de valores: (a) hedonistas, (b) relativos ao próprio bem-estar e (c) relacionados ao bem-estar de outros. Acrescentou-se uma subcategoria (atividade recreativa) para abarcar respostas que foram significativas nessa amostra, mas que não haviam sido inicialmente previstas.

Consideraram-se como hedonistas aqueles desejos que expressavam a busca por um ganho imediato, incluindo: (a) posse de objetos materiais (“Ganhar uma bola de basquete”); (b) dinheiro (“Ganhar na loteria”); (c) atividade recreativa (“Ficar incasa vendo *Disckouwer Kyds*”); (d) fantasia (“Eu quieria que o mundo foce de doce e que as arvores foce de churros”); (e) viagem de lazer ou turismo (“Ir para Paris”). Classificaram-se como valores rela-

tivos ao próprio bem-estar desejos de benefícios pessoais a serem alcançados no futuro, tais como: (a) viver em outro lugar visando a melhorar sua vida (“Quero muito no futuro morar no exterior. Estou dividido entre Estados Unidos, Canadá e Inglaterra”); (b) bem-estar psicológico (“Eu mais quero ser feliz”); (c) sucesso escolar (“Passar em todas as séries”); e (d) ambição profissional (“Ser jogador de futebol”). Valores relacionados ao bem-estar de outros abarcaram desejos de benefícios para outros, sejam membros da família, parentes ou amigos (“Que minha família continue sempre unida”), seja a sociedade ou o mundo como um todo (“Um mundo melhor pra vida”). As respostas que não puderam ser classificadas em nenhuma das categorias acima foram codificadas como outras. Por exemplo: “Nada. Tenho tudo de que preciso”.

Dois juízes codificaram independentemente as respostas dos participantes: um juiz classificou todas as respostas e o outro, 25% delas. O índice de concordância interjuízes, estimado pelo coeficiente Kappa, foi alto, variando entre 0,93 e 0,96. A Figura 1 apresenta as proporções dos tipos de valores encontradas em cada idade.

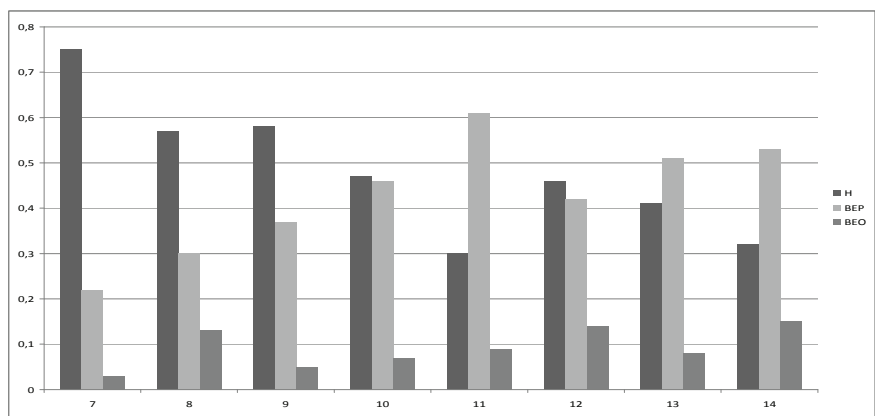


Figura 1. Proporção dos tipos de valores por idade

Tendo em vista que: (a) o número de participantes, em cada idade, não foi igual (ver Tabela 1) e (b) alguns participantes deram mais de um tipo de resposta, a análise estatística baseou-se na proporção do tipo de valor em cada idade. Para testar as hipóteses, utilizou-se análise de regressão (*curve estimation*).

A hipótese de que, com a idade, haveria uma diminuição na frequência de valores hedonistas foi confirmada ($R^2 = 0,726$, $p < 0,01$), verificando-se um declínio linear dos valores hedonistas com a idade. Entretanto, a expectativa de que, com o aumento da idade, haveria maior frequência de valores relacionados ao bem-estar de outros não foi confirmada: os resultados indicam que não houve aumento significativo desse tipo de valores ($R^2 = 0,345$, $p > 0,1$). Contudo, os resultados indicaram um aumento significativo da proporção de valores relacionados ao próprio bem-estar com a idade ($R^2 = 0,645$, $p < 0,02$).

Dessa forma, os resultados deste estudo apontam para a existência de uma mudança nos valores de crianças e adolescentes de acordo com a idade, o que vai ao encontro de dados encontrados em pesquisas recentes sobre o assunto (ANDRADE, CAMINO E DIAS, 2008; SOUZA, FOLQUITTO, OLIVEIRA E NATALO, 2008). Conforme previsto, as crianças menores tenderam a apresentar um maior número de valores hedonistas, expressos por meio de desejos que visam à conquista de bens materiais e à satisfação imediata. Constatou-se ainda que, com o aumento da idade, valores virtuais (PIAGET, 1954 e 1977b) passaram a integrar com maior frequência os sistemas de valores das crianças e dos adolescentes.

Na Figura 1, observa-se que aos 10 anos valores hedonistas e relacionados ao bem-estar próprio ocorreram quase com a mesma frequência. A partir desse momento, foram os valores relacionados ao bem-estar próprio que ocorreram com maior frequência (exceto nas respostas dos participantes de 12 anos). Pode-se entender que, graças à constituição da vontade (PIAGET, 1954), a criança nessa faixa etária não busca apenas a satisfação de desejos imediatos. Ela torna-se capaz de valorizar também metas de médio ou longo prazo, necessitando estabelecer prioridades e definir os meios para atingi-las, isto é, hierarquizar valores, antes da obtenção de um benefício final.

Ainda que os valores hedonistas tenham sofrido um decréscimo considerável com o avanço da idade, chama atenção o predomínio (48,3%) desse tipo de valor (comparado com 42,3% de valores relacionados ao bem-estar próprio e 9,2% de valores relacionados ao bem-estar de outros), quando se considera o conjunto de participantes do estudo. Pode-se atribuir tal prevalência à supervalorização da busca de satisfação imediata. Segundo La Taille e Menin (2009, p. 11), “a busca de prazer, e não o cumprimento do dever, é um imperativo para o homem contemporâneo”. Nesse mesmo sentido, Llosa (2013, p. 43) afirma que nossa cultura “sofre de hedonismo barato e sacrifica ao divertimento qualquer outra motivação e desígnio”. Soma-se a isso o fato de que, em nossa sociedade, de modo geral, associa-se a felicidade ao acúmulo de bens de consumo (KASSER, 2002), o que reforça a crença na possibilidade do ganho imediato. Assim, são esses valores que as crianças e adolescentes têm assimilado, graças às interações que estabelecem tanto com adultos significativos quanto com seus pares.

Ao contrário do que se esperava, não ocorreu um aumento na frequência de valores relacionados ao bem-estar de outras pessoas. Esse resultado pode se dever ao fato de que, no início da adolescência, é comum o jovem voltar a se centrar sobre seus próprios interesses (PIAGET e INHELDER, 1970), apesar das novas possibilidades abertas graças a sua capacidade de raciocinar sobre hipótese, pensar sobre outros mundos possíveis e integrar valores ideais a sua escala de valores.

Todavia, neste estudo, os valores relacionados ao bem-estar do outro, além de não terem aumentado de frequência com a idade, foram identificados em apenas 9,2% das respostas dos participantes. Mais uma vez, cabe lembrar que nossa cultura pode ter contribuído para esse resultado. Na “cultura da vaidade” (LA TAILLE, 2009), preponderante no mundo contemporâneo, o outro é invisível ou é plateia. Desse ponto de vista, é compreensível que

as crianças e os adolescentes valorizem o bem-estar individual em detrimento da perspectiva coletiva. Conforme já sugerido em outra oportunidade (FREITAS, 2011, p. 613), “é necessário olhar atentamente onde andam nossos investimentos afetivos, antes de se queixar da falta de limites das crianças e da incivilidade dos jovens”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, buscou-se identificar o que crianças e adolescentes de 7 a 14 anos mais valorizam e investigar se esses valores sofrem modificações em função da idade. Os resultados indicaram que, com a idade, houve um declínio significativo na proporção de valores hedonistas, bem como um aumento, também significativo, da proporção dos valores relativos ao bem-estar próprio. Quanto aos valores relacionados ao bem-estar de outros, não houve um aumento de frequência com a idade, conforme se tinha inicialmente previsto. Além disso, esse tipo de valor foi pouco frequente em nossa amostra. Valeria a pena conduzir outras investigações para se verificar se esses resultados seriam ou não confirmados.

Considera-se que a baixa frequência de valores relacionados ao bem-estar do outro é um achado ao mesmo tempo instrutivo e preocupante, especialmente para pesquisadores e profissionais que se dedicam à educação em valores. Se esse tipo de valores não ganha relevância aos olhos dos jovens, é pouco provável que valores morais/éticos, os quais dizem respeito justamente à convivência com os outros, venham a ocupar um lugar de destaque em suas escalas de valor e dar sentido as suas vidas.

Vale mencionar que este estudo contou com algumas limitações. Em primeiro lugar, utilizou-se apenas um instrumento de acesso aos valores dos participantes. Além disso, trata-se de um estudo transversal, o que impede que se possa acompanhar o processo de desenvolvimento dos valores. Ainda assim, justifica-se esse tipo de pesquisa, tendo em vista que permite inferir, por exemplo, quais faixas etárias devem receber maior atenção em investigações posteriores. Espera-se que os resultados encontrados, somados a outros estudos na área, contribuam na formulação de estratégias que visem a minimizar tendências prejudiciais aos jovens e à sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. W. C. L.; CAMINO, C.; DIAS, M. G. B. B. O desenvolvimento de valores humanos dos cinco aos 14 anos de idade: um estudo exploratório. *Revista Interamericana de Psicologia*, v. 42, n. 1, p. 19-27, 2008.
- CAMINO, C.; PAZ, M.; LUNA, V. Valores morais no âmbito escolar: uma revisão dos valores apresentados nos livros didáticos e por professores, de 1970 a 2006. In: TAILLE, Y. de La; MENIN, M. S. S. (Orgs.). *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 130-151.
- CHAPLIN, L. N.; JOHN, D. R. Growing up in a material world: age differences in materialism in children and adolescents. *Journal of Consumer Research*, v. 34, n. 4, p. 480-493, 2007.
- DELVAL, J. *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Trad. de: Fátima Murad. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- _____. *O desenvolvimento psicológico humano*. Trad. de: Ricardo Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FREITAS, L. B. L. *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. Vontade: instrumento de autorregulação em situações de conflito. In: *Anais, Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral*. Campinas: Universidade de Campinas, 2011. p. 605-615.
- KASSER, T. *The high price of materialism*. Cambridge: The MIT Press, 2002.
- _____. Frugality, generosity, and materialism in children and adolescents. In: MOORE, K. A.; LIPPMAN, L. H. (Orgs.). *What do children need to flourish? Conceptualizing and measuring indicators of positive development*. New York: Kluwer/Plenum, 2005. p. 357-373.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Trad. de: Lana Mara Siman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- LLOSA, M. V. *A civilização do espetáculo: uma radiografia de nosso tempo e de nossa cultura*. Trad. de: Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- MENIN, M. S. S.; TAVARES, M. R.; MORO, A. Mensurando valores morais: uma pesquisa com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. *Revista de Educação Pública Cuiabá*, v. 22, n. 49/2, p. 525-549, 2013.
- MORAES, R.; CAMINO, C.; COSTA, J. B.; CAMINO, L.; CRUZ, L. Socialização parental e valores: um estudo com adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 1, p. 167-177, 2007.
- PIAGET, J. *Les relations entre l'affectivité et l'intelligence*. Paris: Sorbonne, 1954.
- _____. *Épistémologie des sciences de l'homme*. Paris: Gallimard, 1972.
- _____. *La formation du symbole chez l'enfant: imitation, jeu et rêve, image et représentation*. 7. ed. Paris: Delachaux et Niestlé, 1976. (Originalmente publicado em 1945.)
- _____. *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. 9. ed. Neuchâtel/ Paris: Delachaux et Niestlé, 1977a. (Originalmente publicado em 1936.)
- _____. *Études sociologiques*. 3. ed. Genève: Droz, 1977b. (Originalmente publicado em 1965.)

PIAGET, J.; INHELDER, B. *De la logique de l'enfant à la logique de l'adolescent*. 3. ed. Paris: PUF, 1970. (Originalmente publicado em 1955.)

SOUZA, M. T. C. C. Afetividade segundo Jean Piaget: contribuições para a psicologia do desenvolvimento. In: ROSSETTI, C. B.; ORTEGA, A. C. (Orgs.). *Cognição, afetividade e moralidade: estudos segundo o referencial de Jean Piaget*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 137-154.

SOUZA, M. T. C. C.; FOLQUITTO, C. T. F.; OLIVEIRA, M. P.; NATALO, S. P. Relações entre aspectos afetivos e cognitivos em representações de contos de fadas. *Boletim de Psicologia*, v. LVIII, n. 129, p. 227-242, 2008.

TAILLE, Y. de La. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

TAILLE, Y. de La; TAILLE, E. Harkot-de-La. Valores dos jovens de São Paulo. In: TAILLE, Y. de La. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006. p. 151-189.

TAILLE, Y. de La; MENIN, M. S. S. Introdução. In: TAILLE, Y. de La; MENIN, M. S. S. (Orgs.). *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 9-13.

TARDELLI, D. D'Aurea; FITTIPALDI, H.; PORTAL, J.; REIS, P. M. Jovens e valores: um estudo realizado em colégio bilíngue de São Paulo. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v. 23, n. 24, p. 96-123, 2012.

TAVARES, M. R. Os desafios de uma proposta de avaliação em valores para o programa "A União Faz a Vida": um estudo piloto. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 23, p. 228-249, 2012.

TUDGE, J. R. H. *Codebook for gratitude and materialism*. Manual de codificação não publicado, 2012. 14 p.

NOTAS

¹ AGRADECIMENTO Os autores agradecem aos participantes da pesquisa, às escolas que viabilizaram sua realização e ao apoio financeiro do CNPq e da CAPES.